

A FOME: RETRATO DOS HORRORES DAS SECAS E MIGRAÇÕES CEARENSES NO FINAL DO SÉCULO XIX

Luciana Brito (UENP)¹

Resumo: *A Fome, de Rodolfo Teófilo, é um arquivo sobre o homem e o ambiente cearense, especialmente sobre os anos terríveis de fome e de migrações que destruíram a imagem da prosperidade que vinha sendo constituída desde os anos de 1860, causando diversos problemas sociais e favorecendo a construção de novos parâmetros de organização da sociedade cearense. A contemplação dos horrores da seca criou, em Rodolfo Teófilo, conhecedor de sua região e, principalmente, das ciências naturais e biológicas, o escritor. A grande seca, de 1877 a 1879, impressionaria toda uma geração de escritores cearense, explicando mais tarde o aparecimento da literatura das secas.*

Palavras-chave: *literatura das secas; fome; migrações.*

No final do século XIX, depois de mais de 50 anos de progresso econômico e urbanístico, o que proporciona grandes transformações no espaço público e no modo de vida da população, a economia cearense entra em crise devido a uma série de acontecimentos: a queda do preço do algodão (o grande produto de exportação da região) pela concorrência norte-americana, a falta de capitais capazes de elevar a economia cearense ao plano industrial e, principalmente, a terrível seca de 1877 a 1879, que mata mais de cento e quarenta mil pessoas. Entre 1876 e 1877, as precipitações pluviométricas registraram apenas um terço das registradas entre 1845 e 1846. Thomas Pompeu apresenta uma descrição resumida dos efeitos da estiagem em 1877:

Em março o sertão já acusava falta de chuvas, em abril, perdidas as esperanças de inverno, começou o êxodo dos habitantes do interior

¹ Professora Adjunta Doutora - Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP, Campus de Jacarezinho. E-mail: lbrito@uenp.edu.br.

para o litoral. Os gados morriam à falta d'aguadas, as lavouras extinguíram-se e a ligeira provisão de víveres, conservadas como reserva por muitos, pouco a pouco esgotou-se. De setembro em diante a fome era geral, os socorros públicos, mal administrados, não chegavam regularmente aos lugares mais afectados (sic); quem possuía algum bem ou valor desfazia-se dele a troco de farinha ou de outro gênero de primeira necessidade. As poucas e afetadas aguadas, como açudes e poços deixados no leito dos rios depois das cheias, evaporaram-se, rara ficando em um outro ponto da província. Mesmo as pessoas que eram reputadas abastadas, receosas de ficarem bloqueadas e sem comunicação com o litoral, longe de qualquer auxílio, fugiram, desampararam suas casas e fazendas. O sertão tornou-se quase deserto (Pompeu Filho 1893: 33).

As ações governamentais eram demoradas e incipientes. Em certo momento da crise, o governo passa a ignorar os pedidos de socorro:

O governo, mal inspirado, recusou em fins de 1877 a enviar socorros para o interior. [...] O êxodo tornou-se geral. Para capital, Aracaty (sic), Sobral, Granja, Camocim e outros povoados do litoral afluíram milhares de pessoas. Em todos eles a população adventícia era tríplice, quádrupla, até decupla (sic) da estável e, como faltassem casas para acomodá-la, ficavam ao relento, debaixo das árvores ou amontoados em sítios estreitos. As conseqüências (sic) deste regime não tardaram; febres de mau caráter, varíola, prostituição, vadiagem e todos os seus conseqüências desenrolaram-se triste e dolorosamente (Pompeu Filho 1893: 33).

Esse quadro favorece a queda do desenvolvimento anteriormente mencionado. Dois anos de seca serviram para desestruturar a organização produtiva, social e demográfica do Ceará. Pompeu Filho (1893) afirma que, entre mortos e emigrados, a província perdeu cerca de um terço de sua população, aproximadamente 300.000 habitantes a menos.

Dentre outros fatores que também destruíram a aparente estabilidade econômica e social de Fortaleza estava a descapitalização causada por empréstimos ruinosos, a desvalorização das colheitas, a depreciação do valor dos produtos, a migração maciça determinada pela seca e as tentativas do governo e das classes mais abastadas de controlar a camada pobre da sociedade, formada, em sua maioria, por retirantes.

Somam-se a esse cenário desolador as inúmeras mortes causadas pela febre amarela e a varíola. Várias cidades cearenses, no caso as mais povoadas, transformaram-se em cenários desoladores. Em cidades como Sobral e Iço, por exemplo, inúmeras pessoas morreram vítimas da febre amarela. O mesmo ocorreu

em Fortaleza, sede da província. Logo em seguida, vem a varíola, que também mata muitos cearenses. Na época dos horrores da varíola, o Lazareto da Lagoa Funda, onde foi improvisado um precário hospital, estava com sua lotação máxima (Ponte 2001). A cidade de Fortaleza chegou a suspender suas atividades cotidianas, assustada com a quantidade de mortos e doentes, em geral retirantes que desfilavam pelas ruas. Segundo Rodolfo Teófilo, em sua obra *Varíola e vacinação no Ceará*, “nunca em parte alguma do mundo um morbus encontrou terreno mais apto para sua germinação e desenvolvimento” (Teófilo 1997: 06).

Em 1879, continuou a estiagem, e as chuvas só ocorrem em abril de 1880. Pompeu Filho descreve a situação da província: “A província ficou arruinada; sua principal indústria, a criação de gado, quase extinta; a população dispersa e reduzida; a flora em parte morta” (Pompeu Filho 1893: 34).

Durante o final do século XIX, a intranquilidade torna-se inquietante do povo cearense. Vale dizer que os motivos para toda essa inquietação estavam também relacionados às transformações que ocorriam no cenário nacional: países, principalmente os de economia agrária como era o caso do Brasil, estavam abalados pelo avanço incontido das tecnologias europeias que não respeitavam as diversidades culturais; as cidades cresciam de uma forma assustadora; aumentava o número de adeptos de ideologias revolucionárias, e o bem-estar social, por outro lado, não crescia. O Brasil, de certa forma, seguia os modelos tecnológicos e urbanísticos europeus, principalmente franceses, mas não copiava o exemplo infraestrutural e higienista. Sendo assim, as cidades cresciam de uma forma desordenada e a população, em geral, era vítima de inúmeras calamidades.

A Fortaleza que se modernizava não era para todos. Por isso, as classes mais abastadas logo cuidaram de “limpar” a cidade da presença incômoda daqueles que sujavam e enfeavam os lugares de “gente de bem”. Quem eram esses invasores? Os retirantes, os bêbados, as prostitutas, os pedintes, os lazarentos, os moleques de rua. Para eles, foram construídos o Lazareto da Lagoa Funda, a Santa Casa da Misericórdia, o Asilo de Alienados São Vicente de Paula, o Dispensário dos Pobres, o Asilo de Mendicidade para confinar os idosos e pobres, e os abarracamentos para abrigar os retirantes da seca. Para os mais revoltados, penitenciárias (Ponte 2001).

Com tamanha divisão de classes, a segregação social estava presente até mesmo naquelas obras construídas para serem espaços públicos de lazer e recreação. É o que diz Sebastião Ponte, quando relata que o Passeio Público foi edificado para ser “lugar de recreação para todos... mas separadamente” (Ponte 2001: 37). Elaborado em três planos, a área central era frequentada apenas pelas elites, pelas pessoas de classe, ao passo que os outros dois planos eram reservados para as classes médias e populares. Obviamente, não existia nenhuma determinação oficial, dividindo o Passeio por tipos de frequentadores; a separação ocorria naturalmente, como acontecia nos cafés da Praça do Ferreira. Lá ia todo tipo de gente, mas nem todo mundo era bem-visto. Construídos para as pessoas ricas da cidade, só quem tinha condições de se vestir à moda francesa podia se deliciar com as coisas que lá eram vendidas.

É nesse período de total instabilidade político-econômico-social na província, resultante da parada do rápido crescimento econômico, da seca e das doenças, que Rodolfo Teófilo escreve *A Fome*, romance que retrata os mais variados problemas sociais vividos pelos cearenses. Filho e neto de médicos, o que lhe daria certo apego à Ciência, Rodolfo Teófilo formou-se em Farmácia na Bahia, em 1875. Dois anos depois, em 1878, morando em Fortaleza, vê desfilar pelas ruas de sua botica famílias famintas e doentes. Assim, começa a dedicar-se às vítimas da varíola à conta de que, somente em Fortaleza, o número de mortos chegaria a 35 mil em menos de três meses. Sem qualquer apoio do governo, percorria toda a cidade aplicando vacinas fabricadas por ele próprio. Gustavo Barroso, ao referir-se aos esforços de Rodolfo Teófilo durante a seca de 1888, afirma que:

Não fora a obra benemérita dum homem eficiente e caridoso, as bexigas se espalhariam em volta de Fortaleza, partindo daquele foco inextirpável como praga mortal. O escritor Rodolfo Teófilo, todas as manhãs, montado no seu cavaleiro branco, magro como D. Quixote e tão idealista como o herói de Cervantes, percorria as vielas dos morros do Moinho e do Croata, vacinando gratuitamente crianças e meninos (Barroso 1989: 182-3).

Professor de história natural, industrial, cientista, disseminador de vacina pela persuasão e sem obrigatoriedade, Rodolfo Teófilo foi eclético como a época em que viveu. Sendo assim, foi membro de agremiações literárias como a Padaria Espiritual e o Centro Literário e autor de estudos científicos e históricos, romances e poesias. É considerado um dos maiores representantes da literatura cearense do ciclo da seca. Todavia, seu nome não é muito comum nos manuais de História da Literatura Brasileira. Quando mencionado, na maioria das vezes, os críticos abordam apenas seus dados biográficos e mencionam os nomes de algumas de suas obras como representativas do naturalismo.

A produção literária de Rodolfo Teófilo apresenta grandes traços do naturalismo e das teorias positivista, determinista e evolucionista, todavia se podem entrever arroubos românticos, principalmente na construção de personagens grandiloquentes e de moral ilibada, oriundos de uma visão maniqueísta e ingênua das relações humanas.

Foi um dos escritores brasileiros que mais seguiu à risca os ditames de Émile Zola, no tocante a escrever lançando mão de termos científicos. Em *A Fome*, o autor recorreu a inúmeros vocábulos científicos, principalmente àqueles ligados à medicina, tanto para descrever as personagens quanto os ambientes, como é o caso do fragmento abaixo:

Naqueles organismos a desordem era completa. O coração, que a pouca densidade do sangue, a abundância de leucócitos tornara irregular e tumultuoso, os afligia com sofrimentos atrozes.

A sístole e a diástole eram incompletas, acelerados os movimentos do motor da circulação, as válvulas funcionavam mal, deixavam refluir em parte a onda sanguínea, já bastante reduzida, determinando a anemia do cérebro [...] As funções da epiderme profundamente alteradas modificavam as qualidades físicas do invólucro cutâneo, tornando-se improfícuo (sic) contra aquele estado fisiológico o maior asseio (Teófilo 2002: 102-3).

Ao descrever clinicamente os sintomas dos males sofridos pelos retirantes fazendo uso de terminologias do jargão científico, Rodolfo Teófilo, grande conhecedor de sua região e, principalmente, das ciências naturais e biológicas, no desejo de exibir conhecimentos científicos, tornou seu estilo pesado e privou as suas personagens da vitalidade que possuíam. A escritora Lúcia Miguel Pereira (1957) considera gratuita essa preferência naturalista pelos “casos clínicos” por parte da literatura brasileira do final do século XIX. Inversamente, Flora Süssekind associa tais estudos ao desenvolvimento e à difusão da medicina no Brasil. Diz ela: “Num momento em que artigos de médicos ocupavam as páginas dos jornais, não é de espantar que as páginas dos romances também se deixem invadir por ‘temperamentos doentios’, médicos, diagnósticos e discussões sobre as causas e tratamentos apropriados para as doenças” (Süssekind 1984: 124).

A estudiosa Lúcia Miguel Pereira, uma das poucas a escrever sobre o escritor cearense, não poupou adjetivos depreciativos para comentar sua obra. Ao analisar alguns dos seus livros, diz que “Rodolfo Teófilo, encontrou no pedantismo o seu defeito dominante” (Pereira 1957: 135), e continua dizendo: “[...] o desejo de exibir conhecimentos científicos lhe tornou o estilo, já em si empedrado e baço, comicamente desajeitado para a ficção, e privou suas personagens da fraca vitalidade que possuíam” (Pereira 1957: 135). Massaud Moisés, em *História da Literatura brasileira: Realismo e Simbolismo*, classifica algumas cenas d’*A fome* de monótonas: “E porque monótono o espetáculo que oferece, desenrola-se à luz escaldante de cansativas repetições. Repetições de cenas horripilantes, onde o gosto duvidoso se casa a um verismo que se diria masoquista” (Moisés 2001: 70).

Diferentemente, Otacílio Colares (1979) afirma que Teófilo é, indubitavelmente, o mais representativo escritor do Ceará de todos os tempos. Sua obra literária, que não é considerada modelo em parâmetros estilísticos, é, em compensação, do ponto de vista regional, sempre muito valorizada pela história e críticas literárias. O crítico José Aderaldo Castelo também tece elogios à obra do autor cearense, ao dizer que “[...] O primeiro nos dá um panorama dos efeitos da seca com *Luzia Homem*. Assim também Rodolfo Teófilo, porém mais completo e mais rico, ao focalizar desde a transumância desagregadora à emigração, dramatizando-a e acentuando situações macabras consequentes da fome e das migrações em romances como *A Fome*, *Os Brilhantes*, *Maria Rita*, *O Paroara*” (Castelo 1999: 408). O crítico também fala da “grande contribuição” de Teófilo para a literatura regional,

colocando-o ao lado de Manuel de Oliveira Paiva, Domingos Olímpio, Araripe Júnior e Afonso Arinos (Castelo 1999: 406).

Seu romance inaugural, *A Fome*, é considerado o “primeiro romance formal da seca” por Décio Pacheco Silveira e Abelardo Montenegro. Para este último, “com Rodolfo Teófilo é que surge o romance da seca, de tendência social e moralizante. É o romance cearense em que, pela primeira vez, se combate a exploração do povo reduzido à maior pobreza pela calamidade” (Montenegro 1953: 22). Em seguida, acrescenta que “Pela primeira vez um romance se transmuta em instrumento de libertação de um povo” (Montenegro 1953: 22).

O romance é resultado de observações sobre as secas e migrações que assolam periodicamente o Ceará e os variados problemas sociais ocorridos na província no final do século XIX. O autor procura focalizar, dentro da linha regionalista e naturalista, a tragédia de uma família de retirantes assolada pela seca, ao mesmo tempo em que se serve do romance para lançar o seu protesto veemente contra a incúria do governo em relação às abandonadas populações sertanejas. Tal temática será retomada mais tarde por outros escritores brasileiros como é o caso, por exemplo, de Graciliano Ramos com seu romance *Vidas secas*, que, publicado em 1938, tornou-se um clássico da literatura modernista, não só pela originalidade das soluções estilísticas e estruturais, como pela denúncia dos dramas dos sertanejos, a “civilização do couro”, assim chamada em função da aridez e da esterilidade das grandes áreas do sertão brasileiro, bem como da situação humana dela decorrente.

A Fome inicia-se com a luta de Manuel Freitas e sua família para fugir das terras áridas do sertão. Freitas, fazendeiro abastado, entra em decadência devido à falta de chuvas. Desse modo, é obrigado, como várias pessoas da região, a partir para Fortaleza em busca de uma vida melhor. O caminho é árduo e a morte está espalhada por todo o trajeto. O narrador descreve, com uma enorme riqueza de detalhes, a fome sentida pelos personagens e os cadáveres encontrados durante a viagem. Além da fome, que não cessa quando os retirantes chegam a Fortaleza, eles também são obrigados a conviver com uma epidemia de varíola que ceifa a vida de várias pessoas na cidade.

Em *A Fome*, os personagens principais podem ser considerados, maniqueistamente, como “bons” e “maus”. Entre os bons estão Manuel de Freitas, descendente de uma das mais antigas e importantes famílias do alto sertão, sua filha mais velha (15 anos), Carolina, e Edmundo da Silveira, que formam o par romântico. Este par reitera a pertinente observação de Sânzio de Azevedo (1982) sobre o realismo-naturalismo de Rodolfo Teófilo exercer-se mais pela apresentação de cenas rebarbativas e pela linguagem científica do que através dos enredos que, na maioria dos casos, são francamente românticos.

Manuel de Freitas, protagonista do livro, é uma espécie de herói, um sobrevivente, caracterizado sob a mais clara influência determinista. Possui “linhagem”, é forte, portanto irá vencer as agruras:

Manoel de Freitas é o seu nome. Descendente de uma das mais antigas e importantes famílias do alto sertão, herdara do pai modesta fortuna e influência eleitoral na localidade. Sua educação havia sido completa para o tempo e estado do interior da província. Sabia as primeiras letras e um pouco de latim, língua esta com que os sertanejos ricos costumavam prender seus filhos (Teófilo 2002: 18).

A fibra, a força, a coragem, a honestidade, enfim, os valores arraigados no homem de origem distinta, segundo a visão determinista do momento, oriundas das teorias do positivista francês Hipólito Taine, são elementos que fazem com que Freitas vença os desafios impostos pela fome e pela peste e consiga, ao final da narrativa, após testemunhar cenas escabrosas e expor, contra sua vontade, sua família às mais terríveis privações, vencer o meio em que se encontra.

No segundo grupo de personagens, encontra-se Simeão de Arruda, um funcionário público sem qualquer escrúpulo, que tenta seduzir Carolina. Simeão deve seu emprego, comissário distribuidor de socorros públicos, a uma nomeação política, como demonstra o fragmento abaixo:

O lugar era ambicionado como se fosse um rendoso emprego. As vagas eram preenchidas mais de acordo com os interesses da política, do que com a conveniência pública. O presidente da província tinha sempre uma lista de pretendentes a escolher. Falsos patriotas que, aparentando serviços à pátria, só visavam ao interesse pessoal (Teófilo 2002: 97).

Para Arruda, a corrupção era algo natural, o que influencia seu comportamento durante toda a obra, tornando-o promíscuo e amoral, como ocorre na cena em que oferece a Manuel de Freitas e sua família moradia e uma grande quantidade de alimentos, pensando em conquistar de forma imoral o coração da filha do fazendeiro. Essa mesma passagem da obra também demonstra como a distribuição de socorros do governo (alimento e moradia) era feita aleatoriamente, a partir dos interesses dos membros da esfera pública. Os programas públicos de socorros aos flagelados e retirantes ficavam sob o domínio de determinados grupos influentes na região, para os usos que mais lhes convinham.

Há de entender-se que a crise das secas não é um problema exclusivamente proveniente da situação climática, mas também da inadimplência dos governantes, que, ao longo dos ciclos climáticos, executam insuficientes projetos para solucionar essa problemática. Em *A Fome*, ações dos socorros públicos eram insatisfatórias para atender as necessidades locais.

A turba dos famintos parou em frente à casa do vigário, que, embora fosse uma das habitações melhores da cidade, contudo, não se podia dizer confortável. Os retirantes fizeram alta e sentaram-se na rua esperando que se distribuísse a ração. Eram já nove da manhã e a ração

não chegava. Os famintos resignavam-se com a demora, porque não tinham forças para reagir. Gemiam, suspiravam, porém, não blasfemavam. (Teófilo 2002: 50-1).

Essa precariedade do espírito comunitário e a ausência de integração social deixaram mais saliente o estado de pauperismo e mendicância dos sertanejos retirantes, tornando-os flagelados das secas. À margem das instituições sociais, a relação entre os retirantes baseava-se em um individualismo grosseiro, atenuando a anomalia social persistente naquele local, o que é percebido na distribuição de alimentos:

A ração era ali mesmo devorada com uma esfomeação que comovia! Muitos ingeriam com tal avidez que não davam tempo à saliva umedecer o bolo e engasgavam-se. Parte do bolo era rejeitado (sic) e saía pelo nariz e boca, misturando-se à areia. Avaros das migalhas caídas, apanhavam-nas de novo, cobertas de terra (Teófilo 2002: 53).

Percebe-se, nesse trecho da obra, a insuficiência de distribuição de alimentos por parte dos órgãos públicos, que executavam suas ações de modo paliativo diante da calamidade. Essa prática foi adotada em função da concepção reinante entre os membros da administração pública, que consistia, e ainda consiste, na ideia de não executar grandes obras para solucionar a crise das secas.

Toda essa dramática luta pela sobrevivência e as insuficientes ações governamentais são decorrentes da implantação da “indústria das secas”, que se configura no combate às estiagens, ou a política de enfrentamento da crise climática, toda ela perpassada pelos interesses particulares, onde há a presença de ilícitas vantagens que certos grupos dominantes acabam obtendo à custa do sofrimento das vítimas das secas. A Fortaleza de *A Fome* é a cidade baseada na injustiça social, agravada pela imprevidência, inépcia e, mesmo, desonestidade de seus governantes e funcionários públicos. A seca aprofunda os crimes sociais e revela uma capital incapaz de dar as mínimas condições de sobrevivência aos retirantes, salvo pela abnegação de alguns de seus moradores.

A par dos acontecimentos de seu tempo, em escala nacional e mundial, o escritor em estudo, influenciado pelas leituras científicas do período, detinha-se em observações minuciosas sobre os habitantes, paisagem e marcos físicos de seu cotidiano. Para Rodolfo Teófilo, o grande tema de suas obras literárias era a vida, o trabalho, ou seja, a sociedade. Temas que no Romantismo eram idealizados, envolvidos em sonho, acasos, assumiram uma feição amarga e depressiva. O cotidiano e o trágico passaram para o primeiro plano. Assim como os outros escritores realista-naturalistas, era analítico, observador, simpático à situação da ciência. Desta forma, acreditava nas leis infalíveis que governam a vida, propaladas pela Botânica, Fisiologia e Psicologia. Por conseguinte, dava em seus romances

importância ao determinismo das situações históricas, sociais e ambientais: aquelas que, na opinião geral, governavam o homem e a sociedade.

A detalhada descrição de Fortaleza de 1877 constrói-se como um inventário laborioso que sacrifica, muitas vezes, o literário. Sente-se, durante a leitura, a presença do narrador/reformador alerta aos problemas da cidade. A descrição cumpre o papel de formar a paisagem da cidade no imaginário do leitor e também de apontar para as reformas necessárias. Eis um exemplo: “A Fortaleza é uma cidade nova, reedificada sobre as ruínas da casaria de palha e de taipas depois da seca de 1845. Situada na costa, teria todas as vantagens das povoações marítimas se fosse servida de um bom porto” (Teófilo 2002: 70). Grandes problemas urbanos como a inexistência de um porto adequado, que tanto marcou a cidade, até sua solução já na década de 1950, são arrolados juntamente com problemas menores como a “falta de estética” dos edifícios públicos: “Alguns edifícios públicos isolados, como a assembleia provincial, o palácio do governo, o seminário episcopal, o tesouro provincial, a biblioteca pública, a escola normal, mas todos ressentindo-se mais ou menos da falta de estética” (Teófilo 2002: 70).

Rodolfo Teófilo também usa a dicotomia campo/cidade para discorrer sobre a devassidão urbana, em contraste com a pureza do campo (sertão): “Antônia conhecia pouco a cidade, vivendo no seu sítio tranquilo, não imaginava a vida ruidosa e dissoluta das capitais, as mentiras galantes e torpezas dissimuladas” (Teófilo 2002: 97). O livro *O campo e a cidade na história e na literatura* do crítico inglês Raymond Williams se volta para o contraste entre estes dois tipos básicos de comunidade humana na literatura inglesa do século XVI ao atual. O campo ora é visto como uma forma natural de vida, associado a valores como paz e inocência, ora como um lugar de atraso, ignorância e limitação. A cidade, ora como lugar de turbulência, corrupção e ambição, ora como centro de realizações e saber.

No romance em estudo, quase sempre se encontra a idealização do campo contrastada à crueldade e dissipação da ordem urbana, fundamentada no dinheiro e no lucro fácil, ou seja, quase sempre o campo funciona como crítica ao capitalismo. Na literatura inglesa, esse tipo de crítica resulta, muitas vezes, inócua, como aponta Raymond Williams (1989), porque, além de refugiar-se no recorrente mito de um irrecuperável “passado mais feliz”, propicia a alienação ou até a defesa de valores tradicionais. A idealização de uma economia rural mais “natural” ou “ética” escamoteia o fato de que a ordem social em que se praticava tal agricultura era de exploração absoluta. O campo fresco no qual o escritor busca refúgio para evadir-se ao burburinho e devassidão da vida urbana “não é o do agricultor e, sim, o do morador desocupado” (Williams 1989: 70).

Voltando o olhar para *A Fome*, vê-se que as críticas à cidade seguem de perto esse padrão. Nenhuma explora com profundidade o verdadeiro tipo de relações entre o campo e a cidade. O campo, quando aparece, é ainda sob forma idealizada – refúgio verdejante e cheio de pureza. É de justiça afirmar, contudo, que essa visão idílica jamais serviu de refúgio ao escritor tratado.

A desilusão do retirante Manuel de Freitas com a cidade, pela impossibilidade de nela encontrar qualquer solução para seus problemas, é ratificada, no final do romance, com o retorno dos sobreviventes ao sertão. Por Fortaleza, efetivamente desfilam todos os horrores trazidos pela seca: a fome, a miséria, a promiscuidade e a peste, no caso, a varíola. Tal situação piora devido à incompetência do poder público e à corrupção de seus funcionários. A integridade, n' *A Fome*, não se ausenta de todo, porque é resgatada pelas figuras de Manuel de Freitas, padre Clemente, o médico, Carolina e Edmundo.

Fortaleza é a cidade desprovida de campanhas de vacinação e de quaisquer condições de assistência às vítimas assoladas pela varíola: “Muito críticas eram as circunstâncias de toda a província, quando uma calamidade doutra espécie veio aumentar com um enorme cortejo de padecimentos sua lastimosa situação. A varíola entrou traiçoeiramente em Fortaleza” (Teófilo 2002: 153). Outro dado importante sobre a cidade é a denúncia e crítica à escravidão, o tráfico negreiro para o sul e a condição de vida dos escravos domésticos. Os personagens dona Faustina e seu marido, o traficante/comendador Prisco da Trindade, permitem essa crítica. Faustina, aliás, torna possível uma crítica social em vários níveis, pois, através dela, o narrador, além de deixar expostos os maus tratos aos escravos, desmascara a hipocrisia de uma sociedade que os “contos de réis fazem calar”. A ver:

Faustina punia as faltas dos escravos com castigos corporais, às vezes bárbaros e em completo desacordo com as práticas religiosas que diariamente exercia. [...] No círculo de suas relações, bastante largo pela posição e fortuna do marido, era considerada como parte de um todo, que por convenção chamou-se elite da sociedade. Tratavam-na com a distinção de que eram credores os contos de réis de Prisco (Teófilo 2002: 61).

Nesse ponto, a narrativa tematiza a escravidão e os desmandos da elite de Fortaleza. É notável como o narrador traz à baila o período escravocrata. Pode-se dizer, inclusive, que é um dos relatos mais completos acerca do aludido tema. Poucos romances oitocentistas chegaram a descrever tão bem a escravidão no Brasil após a segunda metade do século XIX. O leitor, durante a obra, nota como o tráfico conduzia a escravidão e burlava as inúteis leis que tentavam pôr fim ao regime escravocrata brasileiro.

Com relação aos desmandos da elite, segundo Cardoso (2002), as facções políticas oligárquicas e as classes urbanas emergentes eram agentes:

[...] de imposição de uma violenta disciplina urbana, a reproduzir o consumismo de forma selvagem (promovendo relações de desigualdade entre os indivíduos), bem como concentrar poder político com mandonismo, violência física e atos ilícitos, nepóticos e

clientelistas, característica das oligarquias brasileiras, ainda muito em voga no país (Cardoso 2002: 31).

As classes abastadas e os grupos oligárquicos, defensores da ideologia civilizatória, baseada no progresso, tecnologia e ciência, queriam transformar a cidade de Fortaleza em um grande centro. Para tanto, defendiam o regime republicano, o modo de vida europeu e o conhecimento científico-tecnológico. Tais ideias servem como ponto de partida para uma forte disciplina urbana ocorrida em Fortaleza a partir da década de 1850, baseada no controle social das camadas baixas através da criação de asilos de mendicidade, reformatórios, abarcamentos e um lazareto. Policiais, políticos, comerciantes importantes e membros da elite contribuíram para a tentativa de efetivação do ajustamento social aos moldes das metrópoles industriais, ao mesmo tempo em que destruíam a cultura popular cearense.

Outro dado interessante da obra é o fato de que, nesse momento, sistematiza-se a emigração para o Amazonas, que se manterá até as primeiras décadas do século. Nesse romance, portanto, Fortaleza é ainda a cidade que vê embarcar para o norte, em condições desumanas, milhares de retirantes.

Chegou a hora da separação. Quatrocentos retirantes de todas as idades marchavam em préstito para o porto da cidade. Era triste aquela procissão, como o desfilar de um enterro. Todos magros, macilentos e esfarrapados, davam ao cortejo a cor sombria da tristeza (Teófilo 2002: 124).

Se num primeiro momento, o Amazonas, novo ímã de riqueza no país, atraía apenas famílias pobres e analfabetas para a extração da borracha, depois de certo tempo o alvo passa a ser os intelectuais da classe média que, cansados da dura vida provinciana, sem dinheiro nem oportunidades, resolvem tentar a sorte em outra região. Vários jornalistas, literatos, funcionários públicos e estudantes cearenses recém-chegados na província, vindos da capital, embarcaram para o Norte, sendo o principal alvo a cidade de Manaus.

N'A *Fome*, a necessidade do autor em mostrar a importância de reformas na capital cearense fez com que o escritor descuidasse muitas vezes do estilo, pois o que lhe importava era a veracidade do que relatava, e esta, em sua época, não podia ser expressa desvinculada da Ciência. Daí o romance destacar-se entre as obras que retratam cenas terríveis de migrações, miséria, doença e morte, com base na exposição sem disfarce da realidade, para que se pudesse indicar e buscar soluções. Para Afrânio Coutinho, o que marca o Realismo/naturalismo é que, em todos os seus representantes, desde Balzac, Stendhal, Flaubert e Zola, não subsiste o mundo convencional que o Romantismo idealizava, pois o romancista deste período "caminha em terra firme, por vezes como expectador um tanto frio do mundo que vibra em sua volta, isso através do recurso da pesquisa direta e paciente" (Coutinho

1986: 71-75). O novo movimento veio, então, liberar a arte das excrescências líricas e sentimentais, dando ao escritor novas vias de acesso à realidade, muitas vezes desigual, como é o caso do romance em estudo.

A leitura de *A Fome* põe de manifesto um narrador que se apresenta como um defensor da causa comum do Nordeste:

O ano de 1878 seria calamitoso! A continuação do flagelo, contra a previsão de todos, teria consequências ainda mais desastrosas, se não caísse a situação conservadora e não fossem chamados os liberais ao poder. [...] Na Fortaleza, mais de cento e quarenta mil almas estavam abarracadas em roda da cidade (Teófilo 2002: 90).

As críticas ao governo cearense eram incisivas, na medida em que não reconhecia os mais variados problemas existentes na província que exigiam medidas a curto prazo. A implantação da República, diferente do que havia defendido o escritor, veio legitimar as velhas oligarquias cearenses no poder e consagrar a vitória da irracionalidade, da incompetência e das práticas autoritárias e excludentes. José Oliveira Chaves, ao estudar o contexto da seca de 1877/80 em Fortaleza, analisa o conjunto de políticas públicas emergenciais adotadas pela elite local. De acordo com o estudioso, dentre as intervenções emergenciais e disciplinares do poder público e da imprensa local para o controle da população retirante presente na cidade, com base em teorias sociológicas e científicas, “A questão do trabalho surgirá como veículo da moralidade, da disciplina social e do progresso” (Chaves 1995: 90).

Associado ao momento de recuperação econômica local, a ideia de trabalho como regenerador é largamente difundida. As discussões são incorporadas desde o discurso oficial às manifestações da elite comercial e ao movimento abolicionista nascente. A preocupação em oferecer ocupação e educação aos retirantes mobilizou a sociedade comercial da cidade de Fortaleza. Em abril de 1880, o governo da província criou uma colônia de trabalho agrícola em terras doadas pelo comerciante Luis Ribeiro da Cunha. A ideia era atender “à urgente necessidade de dar asilo, e a conveniente educação aos órfãos que as calamidades da seca e da peste, [...] deixou (sic) entregues à proteção do governo” (Stuart 1986: 262). Em todos os exemplos citados, a ideia do trabalho regenerador está presente, seja para disciplinar retirantes, oferecer possibilidade de trabalho no interior da província ou para educar órfãos; contudo, a forma pela qual é tratada a questão não evidencia mais do que ações violentas em busca de disciplina e ordem social.

No Brasil, a literatura realista-naturalista aparece como uma nova maneira de ver e expressar a realidade do país. Os escritores mais famosos postavam-se como grandes críticos de uma sociedade hierarquizada, desumana e desigual. As contradições da sociedade brasileira em todos os níveis – político, econômico e social – observados na segunda metade do século XIX eram alvo de crítica por parte da maioria dos homens letrados. Essas contradições faziam emergir entre os pensadores e intelectuais uma preocupação maior com as classes pobres. Nesse grupo, inseriam-

se vadios, operários, prostitutas, vendedores ambulantes, mendigos, retirantes, doentes e toda uma gama de marginalizados que não encontravam na sociedade papéis e espaços sociais determinados. Rodolfo Teófilo viveu esta realidade e colheu dela todas as impressões que um perfeito naturalista colheria. As contradições sociais e as ambiguidades que dessa decorriam permearam o universo social da cidade por ele trabalhada. Os espaços urbanos de Fortaleza, como espaços marginalizados, forneceram-lhe o grande tema, ao passo que as relações entre as diversas classes sociais, forneceram-lhe as personagens dos seus enredos.

A curiosidade e a necessidade de classificação dos homens urbanos, como tipos sociais específicos, fizeram com que muitos escritores do período, como é o caso de Rodolfo Teófilo, usassem de técnicas e estratégias diversas. Vários romancistas, para a construção de suas personagens, ficavam horas observando determinado tipo social. Muitas vezes, a incorporação, pelo observador, de um tipo específico significava uma estratégia para se chegar a mais fiel reconstrução deste no universo romanesco. Para Bresciani:

A cidade se constituía no observatório da diversidade: ponto estratégico para apreender o sentido das transformações, num primeiro passo, e logo em seguida, à semelhança de um laboratório, para definir estratégias de controle e intervenção (Bresciani 1985: 39).

Através dessas obras urbanas, ia desnudando-se o universo social brasileiro da segunda metade do século XIX. Segundo Iara Lis Stto Carvalho Souza: “os homens de letras atentaram para esse universo urbano na tentativa de espreitá-lo, compreendê-lo e ordená-lo” (Carvalho 1994: 10); por isso, a preocupação em se buscar nas ruas e nas aglomerações urbanas esse tipo. Sendo assim, os centros urbanos tornaram-se pontos de referência para a representação da sociedade. Nestes aspectos, o modo de vida dos homens pobres, trabalhadores ou vagabundos, e de toda a vasa social e seu fluxo ininterrupto, passou à atividade exploratória de grande maioria dos escritores. Conceitos como ordem, moral e raça, embasados nas teorias científicas de Darwin, Spencer, Taylor e Morgan, e no positivismo de Comte, compuseram o ideário teórico e ideológico da maioria desses estudos.

Rodolfo Teófilo apreendeu e registrou as tensões sociais e transformações da cidade em sua obra, afinal, participou ativamente dos processos por que passava sua região, seja integrando movimentos políticos e intelectuais ou encetando cruzadas solitárias, como no caso das vacinações contra varíola. Se vista como documento histórico, como testemunho de um tempo de injustiça e ignomínia, *A Fome* ganha uma dimensão política sem tamanho. Pode-se concluir que, além do valor literário propriamente dito, atestado por mais de uma voz da crítica, Rodolfo Teófilo merece um resgate na História da Literatura, pelo valor histórico e documental de sua obra, pela visão privilegiada dos eventos por ele testemunhados, pelo posicionamento firme em que se colocou contra as injustiças de seu tempo e por ser uma espécie de “iniciador” do que viria a ser conhecido por “literatura das secas”.

A FOME: PORTRAYAL OF THE HORRORS OF THE DROUGHTS AND MIGRATIONS FROM CEARÁ IN THE END OF THE NINETEENTH CENTURY

Abstract: *A Fome* by Rodolfo Teófilo is a file on man and the cearense environment, especially about the terrible years of famine and migrations that destroyed the image of prosperity that had been established since the 1860s, causing many social conflicts and enhancing the building of new parameters of social organization. The contemplation of the horrors of drought created in Rodolfo Teófilo, knowledgeable of his region, and especially of natural and biological sciences, the writer. The major drought, from 1877 to 1879, impressed a whole generation of young cearense writers, explaining later the onset of droughts in the literature.

Keywords: droughts in literature; famine; migration.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Sânzio de. *Aspectos da literatura cearense*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras/UFCE/PROED, 1982.

BARROSO, Gustavo. *Memórias de Gustavo Barroso*. 2 ed. Fortaleza: Governo do Estado do Ceará, 1989.

BRESCIANI, Maria Stella. *Metrópoles: as faces do monstro urbano*. *Revista Brasileira de História*, ANPUH/Marco Zero, 1985.

CARDOSO, Gleudson Passos. *Padaria Espiritual: biscoito fino e travoso*. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura e Desporto no Ceará, 2002.

CARVALHO, Iara Lis Stto. *Sobre o tipo popular*. Campinas: UNICAMP, 1994.

CASTELLO, José Aderaldo. *A Literatura Brasileira: origens e unidade*. São Paulo: Edusp, 1999.

CHAVES, José Oliveira Souza. *Fortaleza e os retirantes da seca de 1877-1879: o real de uma imaginação dominante*. Recife: Editora da UFP, 1995.

COLARES, Otacílio. *Lembrados e Esquecidos IV: ensaios sobre literatura cearense*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1979.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira: Realismo e Simbolismo*. São Paulo: Cultrix, 2001.

MONTENEGRO, Abelardo. *O romance cearense*. Fortaleza: Tipografia Royal, 1953.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Prosa de ficção: de 1870 a 1920*. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, Brasília, INL, 1957, p. 130.

POMPEU FILHO, Tomás. *Ensaio estatístico do Ceará*. Fortaleza: Tipografia do jornal *A República*, 1893.

PONTE, Sebastião R. *Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social 1860 - 1930*. 3 ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002.

_____. *Varíola e vacinação no Ceará*. Ed. fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.

STUDART, Guilherme. *Datas e fatos para a história do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Studart, 1896.

SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance? Uma ideologia estética e sua história: o naturalismo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ARTIGO RECEBIDO EM 16/08/2012 E APROVADO EM 29/09/2012.